

“DE MULHER PRA MULHER”

Em que pese a palavra migrante ser comum aos dois gêneros, os estudos voltados para a migração, via de regra, privilegiam o enfoque masculino. No presente caso, não apenas a mulher migrante passa a ocupar o lugar de quem é observada, mas também os olhos de quem observa são femininos. Na companhia das autoras, pois, percorrendo as várias trilhas por elas pontilhadas, migremos para junto das personagens que nos são agora apresentadas.

Liliana é quem nos introduz no percurso. Sob a forma agradável de um conto, denso de conteúdo histórico, faz-nos recuar até a velha Itália para aproximar-nos de Ludovica. Em sua companhia singramos o Atlântico até chegarmos ao destino final da viagem, onde, em meio ao pó vermelho do lugar, que impregnou profundamente até mesmo a alma de Ludovica, não pestanejamos enquanto atentos ouvimos seu relato nostálgico.

Maria Aparecida e Cristina falam-nos da mulher camponesa migrante temporária. A primeira apresenta-nos três rostos - Eletriz, Rita e Santa -, mineiras do Vale do Jequitinhonha que anualmente partem para o árduo trabalho do corte da cana no interior paulista. Sob seus ombros, como se não bastasse o sofrimento advindo das carências impostas pela pobreza do lugar em que moram, também recaem outras dores provocadas pelas condições de subalternidade impostas pelo simples fato de serem elas mulheres. A segunda transporta-nos até o Noroeste da Argentina, para junto de Rita e suas companheiras, mulheres que apesar de contarem com a experiência do meio urbano, forjada nas constantes indas e vindas entre o campo e a cidade, acabam optando, em que pese as maiores agruras do meio rural, por não abandonar sua condição de camponesas.

Wanderluce refere-se a um universo muito próximo daquele mencionado acima; são mulheres que saem da mesma região donde partem Eletriz, Rita e Santa, mas cujo destino, ao invés dos canaviais, é o emprego doméstico na cidade de São Paulo. Reportando-se a algumas falas das próprias migrantes, a autora procura demonstrar como as mesmas, a partir da experiência de migração, conseguem tomar consciência da submissão que sofriam em seus lugares de origem e de como, com isso, não apenas questionam as relações de gênero do lugar, mas, em última instância, travam confronto com as aspirações dos homens, os quais, para se reproduzirem enquanto camponeses no âmbito dos horizontes dados, sempre contaram com a preservação do status quo reinante.

Ana Cristina e Sylvia conduzem-nos para junto das mulheres brasileiras que migraram para Boston. Ana descreve como se dá a inserção no mercado de trabalho e de como o ingresso no ramo da faxina transforma-se, em termos de ganhos econômicos, na meta a ser alcançada. Sylvia assinala os desafios que a mulher migrante enfrenta no novo contexto, exigindo redefinição de papéis no âmbito familiar, e de como reage a mulher trabalhadora.

Janete direciona nosso olhar para a pequena Honduras, na América Central. Em foco as mulheres do campo, fortemente discriminadas pelo machismo reinante, as quais, enquanto os homens permanecem em casa, migram para trabalhar nas áreas onde se encontram instaladas as indústrias maquiladoras, submetendo-se a condições de trabalho totalmente aviltantes.

Finalmente, Nancy e Luiza, com base em trabalho militante, contam-nos um pouco da vida daquelas que migram, respectivamente, para a Estação da Luz - na capital paulista - ou para as boates da Suíça, na tentativa de uma vida melhor, mas que acabam, como vítimas, enredadas no mercado do sexo.

Direceu Cutti